

VICTOR HUGO E O ROMANTISMO

Fulvia M. L. MORETTO¹

Ao iniciarmos as homenagens a Victor Hugo, no segundo centenário de seu nascimento, temos de compreender em primeiro lugar que estamos diante de um escritor e de um homem de qualidades físicas, psicológicas e espirituais imensas, que somente parou de escrever aos 81 anos, ou seja, dois anos antes de sua morte. Além disso, há outro dado importante a comentar sobre o autor: tendo nascido em 1802 e falecido em 1885, preenche ele todo o século XIX, tanto mais que a literatura francesa já está nesse momento encaminhada para a Modernidade, que abrirá as asas no século XX. Assim, Victor Hugo viveu o Primeiro Império de Napoleão I, a Restauração, a Revolução de 1830, a Monarquia de Julho de Luis-Felipe de Orléans, a Revolução de 1848, o Segundo Império de Napoleão III e a Terceira República, a partir de 1870. Do ponto de vista cultural, viveu o Neoclassicismo, a Revolução Romântica, o Realismo, o Parnasianismo, o Naturalismo, o Decadentismo, e morre quando o Simbolismo está lançando seus primeiros fogos, pois um ano mais tarde, com a publicação das primeiras obras de Rimbaud, o grupo simbolista se agita, como já dissemos, diante da esteira da Modernidade.

É este o panorama da época em que viveu Victor Hugo, nesse século agitado que desenvolveu a civilização industrial, em que a pequena mas também a grande burguesia foram se instalando nas cidades, que começavam a crescer, e em que a Ciência, finalmente liberta dos tabus e dos entraves que o Iluminismo conseguira romper no século XVIII, preparava aquilo que iria tomar no século XX a dimensão que estamos vendo e vivendo com surpreendente velocidade.

Mas há um outro problema a considerar: Victor Hugo nasce em 1802, quando a França vive momentos difíceis tanto histórica quanto culturalmente, pois é a época das conquistas de Napoleão I, e em que floresce em toda a Europa o que chamamos Romantismo, cuja definição, às vezes um pouco apressada, encontra-

¹ Departamento de Letras Modernas – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista – 14800-901 – Araraquara – SP

mos nos manuais de literatura. Ora, o Romantismo não nasceu repentinamente no final do século XVIII. Na verdade, temos de ir buscar seu início bem mais longe, no início dos Tempos Modernos, ou seja, na Renascença, quando o homem é valorizado em e por si mesmo, corpo e espírito, como uma auto-consciência, como centro da filosofia e da arte, como ser que se afirma a si mesmo.

Temos de pensar que durante três séculos é o lado racional deste eu-auto-consciência que domina o pensamento europeu, ocidental, pois tanto o Racionalismo cartesiano quanto a filosofia do Iluminismo e a Ciência, que nasce no século XVIII, repousam no poder e na autoridade da razão. Porém, onde ficou o outro lado da personalidade humana, ou seja, o que está ligado à subjetividade, ao sentimento, ao irracionalismo criador, que a arte e a ciência aprenderam a valorizar e que conduziu o espírito ao Romantismo? Ele ficou, durante três séculos, em segundo plano, no sentimento religioso, nas lendas antigas e medievais, no misticismo, na arte barroca, em tudo o que não era comandado pela razão: eles foram preparando o movimento romântico do século XIX. De modo que quando a obra de Rousseau, catalizando todo esse movimento não racional, se volta para a função emotiva, este EU poderoso lírico e pessoal, que invade o final do século XVIII, se torna o centro do movimento Romântico. Assim, razão e sentimento avançaram separadamente ao longo de três séculos e chegaram ao Romantismo como uma totalidade como um EU feito de razão e de irracionalismo, tomado aqui em seu sentido positivo e moderno.

Assim, o Romantismo pode ser definido como uma forma de conhecimento e de expressão total do homem, marcada pela revolta contra o que impede seu completo desenvolvimento. Este conhecimento e esta expressão estão centrados agora no EU, visto como uma totalidade feita de razão e imaginação. E dentro desta totalidade, a literatura e a arte florescem e prosperam nos temas inspirados pela intuição, no que há muito conhecemos como os temas-básicos do Romantismo: o amor, o lirismo pessoal, o sonho, a natureza, a religiosidade, o exotismo, ao lado da história, por exemplo, tão importante para o século XIX, mas que trabalha com a razão, com o documento histórico. E sabemos hoje, após os trabalhos de Freud, como é verdadeira esta totalidade do espírito humano.

É neste contexto que devemos compreender a posição de Victor Hugo no início do século XIX. Porque, de fato, não foi fácil para os escritores românticos franceses lutar pela nova estética que se anunciava e que já avançava em outras literaturas. O motivo foi o corte, a interrupção que significou para a França a revolução de 1789 e a Arte Neoclássica. Durante trinta anos a França viveu este

clima que se caracterizou pela cópia dos modelos antigos, em que o convencional reinou, como por exemplo a arte dos pintores David e de Ingres. Além disso, os grandes escritores haviam morrido, os grandes eruditos haviam partido para o exterior ou, como Beaumarchais, nada mais escreveram após a Revolução. Portanto, não havia grandes criadores nem verdadeiros mestres ou modelos e mesmo os livros de Mme de Staël não podiam penetrar na França, fechada ao estrangeiro pela política de Napoleão. Aliás, este clima napoleônico é também de inspiração neoclássica, desde a palavra “cônsul”, até a moda, com seus trajes de inspiração romana antiga, que longe estavam da nova realidade que se preparava para o novo século. Como se isso não bastasse, os escritores que cultuavam o Classicismo exigiam que ainda se escrevesse como Racine, cem anos após sua morte. O que significa que a idéia de vanguarda não existia nesse momento na França, embora fosse urgente uma revolução estética, literária, ideológica, temática e sobretudo poética.

É neste contexto que devemos compreender Victor Hugo, sua formação, seu abrir os olhos para o mundo. Filho de um general de Napoleão, era normal que se entusiasmasse pela ideologia da época. E depois da queda do Imperador, era também natural que uma criança de treze anos se entusiasmasse pela monarquia, pelos Bourbon, que voltavam ao trono da França. Porém, como toda a geração romântica francesa, Victor Hugo reagiu logo e colocou-se entre a elite que iria criar a nova estética da época. De fato, ele se tornou em breve o chefe do que a partir de 1825 se chamou na França a “Escola Romântica”.

Vamos tomar agora a obra de Victor Hugo, iniciando pela narrativa, e vamos compará-la com o que havia neste ponto antes de 1820. No final do século XVIII e início do século XIX, é enorme a quantidade de romances publicados na França. O fato de ainda não existirem regras referentes à narrativa, o fato de não existir uma teoria do romance, fez com que tal narrativa se desenvolvesse em várias direções, tanto mais que o grande alargamento do público leitor, geralmente incapaz de superar as dificuldades da poesia, procurava com grande interesse essa nova narrativa. Ora, excetuando os romances de Chateaubriand e de Mme de Staël (*Atala*, *René*, *Delphine*, *Corinne*) os romances, a partir do final do século XVIII são a repetição de estereótipos: situações inverossímeis, sem ligação com a realidade, muito diferentes dos grandes romances do século XVIII como a *Nova Heloisa e Werther*, por exemplo, que são muito bem arraigados na realidade. Estamos falando dos livros de Mme. Cottin, Mme de Krudener, Mrs Radcliffe, de M.G. Lewis, ou seja, o romance de terror, o romance frenético, fantástico, chamado o “roman noir”.

Fulvia M. L. Moretto

Porém, a partir de 1820 impõe-se a influência do romancista inglês Walter Scott e seu romance histórico, trazendo o que será um dos grandes temas do século XIX: a história. E, com a história, entra na literatura a **realidade** e sai o estereótipo, isto é, a intriga romanesca é colocada dentro de uma realidade social, e a psicologia do personagem é revelada por diálogos verossímeis. O crítico Max Milner expressa com precisão o que é esta nova narrativa: “o romance é agora capaz de exprimir, assim como o teatro, os aspectos dramáticos da existência”. Ora, os dois primeiros romances de Victor Hugo seguirão o gosto do início do século: *Han d'Islande* e *Bug-Jargal* seguem a estética da crueldade, respectivamente sobre monstros nórdicos e revolta dos escravos em São Domingos, no Caribe. São ambas formas do “roman noir” que Hugo conhecia muito bem. (Faço outro parêntese para lembrar que foi este tipo de romance que Balzac treinou durante dez anos até iniciar em 1829, com *Les Chouans*, a série de seus grandes romances.) E juntamente com o Romantismo, Hugo vai encontrando sua própria estética e sua arte pessoal e de 1829 a 1831 escreverá o romance *Notre Dame de Paris*, que será publicado em 1832.

Este é um de seus grandes romances, sobretudo pela sua arquitetura grandiosa e por seus personagens bem construídos, a começar pelo personagem principal, a Catedral de Paris e pelo paralelismo simbólico entre a monstruosidade física de Quasímodo e sua grandeza de alma. E também, naturalmente, pela maneira de encarar a história, o historicismo, que é a história em ação, a história como agente de transformação. E, pela presença do povo como massa, como forças sociais que se enfrentam, este romance é também uma epopéia, gênero do qual nasceu o romance dos tempos modernos.

Outro grande romance de Hugo, *Les misérables*, é publicado em 1862. Seu sucesso foi enorme mas os críticos, acostumados com tramas psicológicas (não esqueçamos que estamos em 1862) não aceitaram esse romance social e mesmo popular. O crítico Jean Bertrand Barrère (1952, p. 184) escreve, já no século XX: “Claro que há realismo em *Les misérables*, mas à maneira de Balzac, para fazer aceitar uma história eminentemente romântica”. Quer dizer que, enquanto Flaubert já tinha escrito *Madame Bovary* e os Goncourt avançavam pelo romance realista/naturalista, Hugo escrevia um romance social para o qual também se documentava com minúcias, mas escrito como uma epopéia. Sua arte apresenta assim um romance ao mesmo tempo épico e dramático, sem o frio realismo de Zola ou Maupassant. Hugo está sempre junto com seu personagem e sofre com ele.

Assim como o romance do século XIX desenvolveu novas formas de expressão, também o teatro foi repensado e sofreu grandes transformações, nas quais foi fundamental o papel desempenhado por Victor Hugo. Mais do que isto, o teatro foi o campo de luta pela hegemonia da nova arte, da arte romântica e esta luta no terreno teatral foi mesmo mais acirrada do que a luta no campo poético ou narrativo. A razão é simples: Foi no terreno teatral que a arte clássica do século XVII havia alcançado sua mais alta expressão, com Corneille, Molière e Racine. E no início do século XIX, qualquer modificação no terreno dramático era vista como uma afronta à arte clássica. Mas, na verdade, o século XVIII conseguira transformar a estética teatral: as obras e os textos teóricos de Diderot, Mercier e Beaumarchais criaram e explicaram o **drama**, peça em que o herói não é mais destruído por uma força maior do que ele mas em que há, sim, luta entre duas forças, há **drama**, que é a tradução da palavra grega **ação**. Ora, o drama quer eliminar as regras da arte clássica, mas no início do século XIX os Românticos não querem atacar esta arte pois sabem que não é possível superá-la. E, contra os conservadores que desejavam copiá-la os românticos querem substituir a tragédia clássica pelo drama, querem a eliminação das regras das unidades, querem a convivência entre o trágico e o cômico, tanto mais que a influência de Shakespeare, que vinha desde o século anterior, crescera ainda mais com a apresentação em Paris, em 1822, de uma companhia teatral inglesa. Ora, em Shakespeare não há regras teatrais rígidas como no teatro clássico francês do século XVII.

É nesta transformação que Hugo vai tomar a liderança do movimento romântico e vai publicar em 1827 a peça teatral *Cromwell*, cujo prefácio é o texto fundamental da teoria do teatro romântico. Pois, na verdade, até 1825 os escritores franceses não formavam uma escola coesa, porque no fundo ainda não haviam conseguido definir o **Romantismo**. Havia na palavra a idéia implícita de “liberdade”, tanto de conteúdo quanto de forma. É em 1825 que os grupos românticos chegam a uma definição, unem-se e formam uma escola, cujo líder natural será Victor Hugo, pois de fato possuía ele em alto grau o espírito de liderança. É portanto nesse Prefácio de 1827 que Hugo coloca os fundamentos do teatro romântico, que serão apresentados na prática em 1830, com a peça *Hernani*. É interessante observar o paralelismo entre os manifestos de Boileau de 1674 e o de Victor Hugo: Boileau codificou em sua *Art poétique* décadas de discussões sobre os fundamentos do teatro clássico francês e Hugo codificou em seu Prefácio de 1827, décadas de discussões sobre os fundamentos do drama, que haviam começado no século XVIII.

Fulvia M. L. Moretto

E o drama de Victor Hugo, como uma grande parte do teatro romântico, fundamenta-se na história. De fato, vimos como foi grande a influência da história no século XIX, que está presente também na pintura, sobretudo no maior pintor da época, Eugene Delacroix. A produção dramática de Hugo vai de 1830 a 1843 e é baseada em temáticas históricas como, por exemplo, *Hernani*, *Marion Delorme*, *Ruy Blas*, *Lucrece Borgia*, *Le roi s'amuse*, *Marie Tudor*, *Angelo*, em que não há mais unidade de tempo, de espaço, nem unidade de tom, enfim de todas as exigências do teatro clássico. E juntamente com Hugo, Alexandre Dumas pai avançava com peças baseadas em fatos históricos enquanto Vigny traduzia peças de Shakespeare, com sua liberdade poética e dramática.

Ao abordarmos a poesia de Hugo encontramos o mesmo movimento, a mesma curva que encontramos no romance e no teatro: partindo da forma ainda um pouco estereotipada da literatura do início do século, a poesia também se abre para novas experiências e finalmente para mundos diferentes. Porque o problema da poesia era imperioso por volta de 1820. Ela desabrochava após dois séculos de classicismo e racionalismo, que haviam abafado os esforços da Pléiade, no século XVI, isto é, a poesia de Ronsard e seu grupo. Porque, se de um lado não faltam versos no século XVIII, na verdade falta poesia. Tais versos são sobretudo descritivos, em que se expressa a preocupação didática e mesmo científica. Além disso, o século XVIII desenvolvera também a literatura lacrimajante (sobretudo no final do século), que havia mantido os gêneros antigos. Retomo aqui o texto de Marcel Raymond em *De Baudelaire au Surréalisme* sobre a atmosfera romântica:

Quando da precedente explosão do irracional, na época da Contra-Reforma e da arte barroca, a Igreja orientara sem demasiada dificuldade o impulso místico. Dois séculos mais tarde, após a crítica dos filósofos, ela não poderia mais fazê-lo. Cabia à arte (mas não somente a ela), satisfazer algumas das exigências humanas que a religião, até então, conseguira exorcizar. Coloca-se então a pergunta: que estava faltando no mundo poético? (RAYMOND, 1997, p.11)

Faltava a expressão do Eu pessoal, não racional, de que falamos no início, ao definir Romantismo. Faltava o que desapareceu após a poesia da Pléiade no século XVI: a enunciação do eu, a expressão da imaginação, a poesia que Schiller chamou “sentimental”, tudo resumido na frase de Marcel Raymond (1997, p.11): “A linguagem poética torna-se assim um meio irregular de conhecimento metafísico”. É esta volta ao lirismo pessoal, que está no âmago do movimento romântico ou seja, foi o Romantismo que abriu o caminho para este lirismo. Mas

sabemos também que a Escola Romântica Francesa não conseguiu realizar a revolução lingüística necessária à revolução poética. Enquanto a maioria dos escritores não pôde ou não ousou assumir um comprometimento de resultados incertos, outros, como Nerval por exemplo, ousaram e souberam libertar o lirismo, abrindo o caminho a Baudelaire, aos Simbolistas, a Apollinaire e à absoluta liberdade da poesia atual.

Ora, é nesta linha crítica que devemos compreender a poesia de Victor Hugo. Entre 1820 e 1830, publica ele suas primeira obras poéticas. As *Odes*, em que aborda ainda o gosto neoclássico com a ode, forma do antigo gênero grego que sempre cantou feitos políticos e guerreiros. Hugo, ainda monarquista, canta os feitos da Restauração, ou seja, da dinastia Bourbon. Publica também as *Ballades*, forma poética provinda da Idade Média e também um dos grandes gênero românticos e as *Orientales*, que se inserem no gosto da época, com o pitoresco e o exotismo.

Porém, após 1830, a visão estética e política de Hugo vão se transformar. A luta da Grécia pela sua independência (e o exemplo de Byron que morreu combatendo por esta independência), a Revolução de 1830 na França, a queda da dinastia Bourbon, mais os problemas e as crises de ordem pessoal amadureceram o poeta que, entre 1830 e 1840 publica 4 livros de poemas: *Les feuilles d'automne*, *Les rayons et les ombres*, *Les chants du crépuscule*, *Les voix interieures*. São belíssimos poemas líricos, de alta inspiração, tendo como temática lembranças, sonhos, a família, problemas eternos e a função do poeta, que era uma temática importante na época. Hugo coloca sua emoção no mundo que o envolve, do qual quer ser um “eco sonoro” que deseja refletir e devolver o mundo que o envolve.

Entre os anos 40 e 50, com a morte da filha Léopoldine, Hugo não publica mais poesia lírica, parece que esta corda está momentaneamente quebrada. Mas a partir da década seguinte, publica poesia política contra Napoleão III e seu golpe de estado que redundou no Segundo Império e causou os dezenove anos de exílio do poeta. E em 1856 publicará ele *Les Contemplations*, livro que é considerado sua maior obra poética.

Tais **contemplações** são reflexões sobre o mundo e sobre a evolução espiritual do autor, dentro de uma temática riquíssima e marcada por imagens, sobretudo visuais. Hugo é de fato um visual cuja poesia explora o universo e o infinito. Neste universo místico, está ele à procura do invisível, usando as forças da natureza como metáforas. E é claro que a solidão imposta pelo auto-exílio jogou a favor do poeta: ele mesmo a chama **solidão esplêndida**.

Fulvia M. L. Moretto

Mas ao morrer, Victor Hugo além das já citadas *Contemplations* e das pequenas epopéias de *La légende des siècles*, deixou coletâneas inéditas que foram publicadas postumamente, como *Dieu*, e *La fin se Satan* sobretudo, que vão evidenciando o artista visionário, o mago, enfim, o poeta no sentido mais alto e até mais esotérico da palavra. *Dieu* é, segundo J.B.Barrère (1952, p. 152), formado de “visões das diferentes respostas trazidas pelo pensamento humano ao problema de Deus”. Já em *La fin de Satan*, temática que já havia sido abordada por Lamartine e Vigny, Hugo considera que Satan será finalmente perdoado, apresentando assim uma resolução para o problema do mal, que sempre preocupou a filosofia e a literatura.

Vemos que a produção literária de Hugo foi imensa. Já dissemos que só parou de escrever aos 81 anos, revelando sempre sua enorme necessidade de extravasar. E nem mesmo diminuiu sua produção quando aos poucos foi perdendo toda a sua família: perdeu os irmãos, a filha mais velha aos 19 anos, os dois filhos na casa dos 40 anos e a filha mais moça, com problemas mentais, morreu, já no século XX, na casa de saúde em que viveu metade da vida. Morreram também antes dele sua mulher Adèle e sua amante Juliette Drouet, após uma ligação de meio século. Hugo superou tudo e continuou a produzir em condições que teriam abalado qualquer outra pessoa.

Vamos tentar agora nos encaminhar para a nossa conclusão. Vamos novamente refletir sobre os fatos: em 1885, ano da morte de Victor Hugo, a literatura francesa havia passado pelo Romantismo, pelo Realismo, pelo Parnasianismo, pelo Naturalismo, pelo Decadentismo, e no ano seguinte, seria oficializado o Simbolismo, que vinha avançando havia muito, depois do qual a literatura e a arte iriam ingressar na Modernidade e na liberdade estética do século XX. Mas esta Modernidade, bastante intelectualizada e bastante hermética sobretudo, não conseguiu chegar ao âmago da obra de Hugo. Assim, até mais ou menos 1950 sofreu ele o “Purgatório” que sofrem muitos artistas depois de sua morte. O problema é que Hugo, no final da vida, havia evoluído enormemente e não era mais apenas o escritor romântico que havia combatido no início do século por uma nova estética. Ele era agora um poeta imenso que havia ultrapassado a compreensão dos contemporâneos. Ele foi visto como o grande escritor romântico, o que de fato era. Mas ele não era mais somente isso.

Ora, já vimos que a liberdade poética alcançada no século XVI por Ronsard e seu grupo e abafada por Malherbe e pela conseqüente arte clássica do século XVII, tentou renascer com o movimento romântico. Porém, vimos também

que o Romantismo não o conseguiu. Ele não conseguiu realizar a revolução linguística necessária à revolução poética. Foi o Simbolismo que o conseguiu e levou a literatura, como já vimos, para a liberdade total do século XX. Temos de perguntar agora: onde colocar Victor Hugo neste contexto?

É claro que ele não foi um Simbolista. De fato, desde muito cedo teve ele a noção de uma nova linguagem, necessária à nova estética que se desenvolvia no século XIX mas não chegou a fazê-lo. Hugo respeita a sintaxe, não elimina a rima que, pelo contrário, é riquíssima em sua poesia. A contribuição de Victor Hugo é outra: ele amplia, alarga a visão poética através de um vasto e forte vocabulário, torna concreta a língua clássica, conservou o verso de 12 sílabas mas o tornou flexível. Sua metáfora torna-se inesperada, como se não víssemos logo a analogia entre a união das duas idéias. A conclusão é que Hugo não foi Simbolista mas abriu o caminho para o Simbolismo. Porém raríssimos viram nele o escritor que com sua visão cósmica, com suas imagens, havia ultrapassado a forma de expressão romântica. Rimbaud (1954, p. 272), o percebeu e o deixou consignado na *Lettre du voyant*: “Hugo, trop cabochard, a bien vu dans les derniers volumes”. E Georges Cattaui (1965, p. 31), alertou a crítica em 1965: “Hugo continua sendo, em uma boa parte de sua produção, um autor desconhecido. País vasto demais, ele possui regiões inexploradas.” E este centenário, não há dúvida nenhuma, é o momento de colocá-lo em seu devido lugar.

Victor Hugo é, de fato, o grande escritor romântico, senão o maior, que nos espanta pela facilidade de criação (era capaz de escrever 80 versos por dia), que não aderiu à **arte pela arte**, mas que sempre pensou, pelo contrário, que a arte ensina. Daí seu interesse pela função do poeta dentro da sociedade. Ensinar, para Hugo, significa mostrar ao povo o futuro, mostrar o progresso ao povo. Porém, Hugo não rompeu com a linguagem poética tradicional, o que somente iria acontecer com Laforgue, e seu respeito pela rima é total. Porém, com o irracionalismo, com a intuição que irromperam com o Romantismo, Hugo, com sua extraordinária imaginação, seus mitos, seu riquíssimo vocabulário, seu profundo sentido do mistério, abriu caminho para a poesia moderna.

Mas, já o dissemos, excetuando Rimbaud, ninguém compreendeu esta sua nova faceta. E a crítica do século XX, sobretudo após 1950, foi compreendendo que na imensa massa dos escritos de Hugo deve ser feito um novo mergulho. Ele deve ser retomado sob este novo ponto de vista: ele é um dos maiores românticos, que abriu o caminho para a vidência poética, para o conhecimento mágico, para o sonho que está atrás da realidade, para essa fuga do consciente

Fulvia M. L. Moretto

para o inconsciente, que foi a lição de Rimbaud. Esta nova fase da crítica, evidentemente já começou e agora, com as comemorações do centenário, os novos estudos estarão em breve nas livrarias. Será uma compreensão nova e moderna de Victor Hugo e sobretudo uma guinada nos critérios de valorização de sua imensa produção.

Referências

BARRÈRE, J. B. **Hugo**. Paris: Hatier, 1952.

CATTAUI, G. **Orphisme et prophétie chez les poètes français 1850-1950**. Paris: Plon, 1965.

RAYMOND, M. **De Baudelaire ao Surrealismo**. Tradução de Fulvia Moretto e Guacira M. Machado Leite. São Paulo: Ed. USP, 1997.

RIMBAUD, A. Carta a Paul Démeny. In: _____. **Œuvres complètes**. Paris: Pléiade, 1954.

• • •

Resumo: A obra de Victor Hugo vista dentro do contexto político e cultural de sua época.

Palavras-chave: Victor Hugo; Romantismo; poética do Romantismo

Abstract: Victor Hugo's work as seen in the political and literary context of his time.

Keywords: Victor Hugo; Romanticism; poetics of Romanticism.